

## José Saramago e a literatura hispano-americana

Tania Mara Antonietti Lopes<sup>1</sup> (FCL-UNESP)

### Introdução

Em **Memorial do Convento** (1982) José Saramago (1922) constrói uma narrativa densa e complexa, com contínuas e diversas possibilidades de ação e sentido. “Recria-se o mundo ficcional pela revitalização de sentidos e construção textual, fundada na produtividade de intertextos, onde o velho aparece com um novo sentido” (HUTCHEON apud OLIVEIRA FILHO, 1993, p.11).

Estão presentes em **Memorial do Convento** interações com a tradição narrativa do passado, superada pela articulação da linguagem e registros, dialogismos e intertextualidade altamente produtiva, além das características da literatura contemporânea representadas pela fusão de ontem e hoje, da história e ficção.

Toda problematização das relações entre história e ficção, chamada por Linda Hutcheon de metaficção historiográfica, tem por característica ser auto-reflexiva e, ao mesmo tempo se apropriar de acontecimentos e personagens históricos. **Memorial do Convento**, assim como **O Século das Luzes** (1962), de Alejo Carpentier (1904-1980), é um romance histórico contemporâneo.

Obviamente, o **Memorial do Convento** tem o passado como referente, representado pelo reinado de D. João V (1705-1750), pela Guerra de Sucessão pelo trono da Espanha (1704-1712) e pelas perseguições do Santo Ofício. Esses três fatores formam o pano de fundo sobre o qual o texto de Saramago se constrói. Em **O Século das Luzes** o contexto são os anos que sucedem a Revolução Francesa. O francês Victor Hugues, personagem real, comerciante em Port-au-Prince, entusiasta das idéias de Robespierre, chega a Cuba em 1791 com o objetivo de abolir a velha ordem no Caribe.

O que aproxima esses dois romances são os procedimentos narrativos que se constituem no novo romance histórico. Nesse artigo, discutiremos a ficcionalização da história nos dois romances em questão.

### 1 Uma questão de afinidade e identificação

A epígrafe<sup>1</sup> de **A Jangada de Pedra**, de José Saramago, foi retirada do romance **Concerto Barroco** (1974), de Alejo Carpentier. Isso confirma a tendência de Saramago de se aproximar da ficção hispano-americana recente, o que se justifica pela necessidade de expressar problemas coincidentes entre as duas culturas. Trata-se, na verdade, de uma aproximação estética, “o inter-relacionamento de duas literaturas e, portanto, de duas culturas” (OLIVEIRA FILHO, 1990, p.141).

Segundo Oliveira Filho (1990), para José Saramago uma literatura socialmente interessada não funciona só como um “espelho da realidade”, muito menos necessita das boas intenções do escritor ou da notabilidade de qualquer ideologia. Dessa forma, convencido de que a arte é completamente necessária à sociedade, Saramago se conscientizou de que

[...] o verdadeiro conteúdo da obra de arte torna-se o seu modo de ver e de julgar o mundo, sendo só assim, na medida em que transcende a falsa dicotomia entre forma e conteúdo, que ela mantém seu compromisso com a realidade (OLIVEIRA FILHO, 1990, p.142).

Em seu terceiro romance, **Levantado do Chão** (1980), Saramago ainda hesita quanto à confirmação dessa consciência, pois tinha dificuldade de fazer dialogar trabalho estético e preocupação social. Esse romance pode ser considerado uma retomada do neo-realismo, mas no

<sup>1</sup> “*Todo futuro es fabuloso.*” (SARAMAGO, 2006, p.5)

sentido de revisá-lo, pois, apesar de apresentar tantos traços dessa estética, como os que verificamos, simultaneamente foge destes mesmos padrões pelo uso do que Oliveira Filho chama de “fantástico”, pelo deslocamento do tempo (mistura de presente e passado) e pela presença do narrador-contador de histórias (comentários, julgamentos, recorrências), procedimentos narrativos frequentes na literatura contemporânea.

[**Levantado do Chão**] é o primeiro índice da aproximação de Saramago da ficção latino-americana recente, daquilo que se convencionou chamar de “realismo fantástico”<sup>2</sup> e que, como se sabe, apresenta-se como uma forma polêmica de os escritores latino-americanos colocarem-se tanto ante o realismo documental das gerações que os antecederam, quanto ante as conquistas estéticas da literatura contemporânea (OLIVEIRA FILHO, 1990, p.143).

**Memorial do Convento**, o quarto romance do autor, é, definitivamente, a obra que confirma a aproximação de Saramago à literatura hispano-americana, já que conduz essa aproximação para um âmbito mais profundo, fazendo com que o projeto estético de Saramago se relacione ao dos hispano-americanos. A partir desse momento, configura-se a verdadeira identificação entre ambos. Não se trata, porém, de um caso de imitação de uma tendência. A aproximação de Saramago dessa literatura é um fato que foi se tornando mais evidente com o passar do tempo.

É nos procedimentos de elaboração estética, privilegiados pelos escritores hispano-americanos, como a intertextualidade e a paródia, que Saramago encontra predileção. Na literatura hispano-americana, tais procedimentos funcionam como instrumentos ideais do escritor para a busca de uma identidade própria. Nesse ponto, é importante ressaltarmos que o que nos chama a atenção na relação do autor português com a literatura hispano-americana é sua afinidade com essa cultura. Nesse sentido, consideramos conveniente abordarmos alguns aspectos que justificam o estudo comparativo de textos literários produzidos em diferentes “universos” culturais.

De acordo com A. Owen Aldridge (1994, p.257-258), a literatura comparada é um rótulo para descrever estudos literários que transcendem fronteiras nacionais e, de acordo com ele,

A comparação pode ser utilizada nos estudos literários para indicar afinidade, tradição ou influências. A afinidade consiste nas semelhanças de estilo, estrutura, tom ou idéia entre duas obras que não possuem qualquer outro vínculo [...] A tradição ou a convenção consistem no estudo das semelhanças entre obras que fazem parte de um grande grupo de obras similares interligadas histórica, cronológica ou formalmente.

Segundo o mesmo autor, recentemente, a perspectiva estética predomina entre os estudos que demonstram semelhanças ou afinidades. Esse tipo de análise comparada, que aponta “analogias sem contato”, permite a concentração em obras maiores, oferecendo “uma oportunidade de análise estética, que pode fornecer uma visão do processo de criação artística” (ALDRIDGE, 1994, p.259).

Embora a comparação por afinidade pareça ficar à mercê da visão subjetiva de quem a compara, ela possui valor à sua maneira, ao promover uma crescente compreensão e apreciação da literatura. Vale lembrar que a Literatura Comparada é uma das áreas do estudo literário que mais vem abraçando, ao longo de seu desenvolvimento, diferentes objetos e métodos de estudo (haja vista os estudos culturais, nos quais o texto literário deixa de ser o objeto central da análise). Assim, diante da variedade de problemas abarcados atualmente pela literatura comparada, também a comparação por afinidade reencontra seu lugar, fugindo da mera crítica impressionista.

O trabalho intertextual de Saramago coloca em questão o modo português de ser europeu e o modo europeu de ser português. A real significação do projeto intertextual traduz-se na busca de identidade cultural construída por Saramago, fruto de uma escolha voluntária. Daí a semelhança

---

<sup>2</sup> Acreditamos que Oliveira Filho tenha tomado a Jorge Luis Borges esse termo. Segundo as teorizações mais recentes e mais amplamente aceitas, trata-se, na verdade, do realismo mágico.

entre o projeto estético de Saramago e de autores hispano-americanos: a correspondência das situações vividas por seus respectivos países no momento atual, pois se caracterizam como “marginais” no plano global. Nos dois romances em questão, os protagonistas lutam contra uma realidade brutal, excessiva e sempre à beira da total destruição. Assim, a sensação de deslocamento de José Saramago coloca esta problematização no interior da própria cultura portuguesa.

## 2 A ficcionalização da História no romance contemporâneo

Abordaremos aqui uma breve discussão sobre a ficcionalização da história em **Memorial do Convento** e **O Século das Luzes**. Optamos por tratar o **Memorial** também como romance histórico contemporâneo porque este termo se assemelha ao modo como os críticos hispano-americanos se referem aos romances em que há a problematização das relações entre história e ficção: **novo romance histórico**. Vale lembrar que a metaficção está presente em grande parte dos romances da literatura hispano-americana, nos quais a ficcionalização da história é um tema preponderante.

Os críticos portugueses, por sua vez, têm dado preferência à terminologia de Linda Hutcheon, embora ironizem a questão da pós-modernidade; apesar disso, e considerando a relação de José Saramago com os hispano-americanos, escolhemos utilizar a terminologia que eles privilegiam. Tanto na obra de José Saramago quanto na de Alejo Carpentier estão presentes a influência da tradição narrativa do passado e as características da literatura contemporânea, representadas pela interação entre a história e a ficção.

A análise que propomos parte da premissa de que **Memorial do Convento** é um romance histórico contemporâneo, pois há em toda obra a problematização das relações entre história e ficção, além de outras características que não analisaremos aqui. Obviamente, como já mencionamos, o **Memorial do Convento** tem o passado como referente, representado pelo reinado de D. João V (1705-1750), pela Guerra de Sucessão Espanhola (1704-1712) e pelo domínio da Igreja Católica, que se configura nas perseguições do Santo Ofício. Esses três fatores formam o pano de fundo sobre o qual o texto de Saramago se constrói.

**O Século das Luzes**, por sua vez, tem como costura textual o ideário da Revolução Francesa. O intertexto com a História nos fornece os aspectos político-sociais mais relevantes do período em questão.

No fim do século XVIII, as idéias revolucionárias circulavam pelo Atlântico, assistindo-se a um vendaval de manifestos, periódicos e panegíricos que influenciariam os movimentos de independência. Aliadas ao imaginário popular, a Revolução da França e a Independência dos Estados Unidos polarizavam os corações e as mentes das elites coloniais e do mundo do trabalho latino-americano (MITIDIERI-PEREIRA, 2006, p.2).

É nesse contexto que está tecido **O Século das Luzes**, “povoado de acontecimentos e sujeitos com existência registrada pela historiografia, mas estribado na imaginação autoral e popular” (MITIDIERI-PEREIRA, 2006, p.4).

Em **Memorial do Convento**, a desmistificação do passado de Portugal é produzida por meio de um discurso literário minucioso, sem poupar o leitor de detalhes sórdidos, como os cheiros, as secreções e os parasitas do leito nupcial dos monarcas portugueses. A desarticulação e desautomatização dessa história se faz a partir da desconstrução discursiva que dialoga com essa mesma história que desconstrói.

Em **O Século das Luzes** há certo ajuste realizado por Carpentier em relação ao tempo da história romanesca que diverge um pouco de seu discurso. O narrador intruso nos apresenta um mundo construído com as vidas de Carlos, Sofia e Esteban, jovens que alimentam suas idéias vanguardistas com a chegada de Victor Hugues (personagem histórica) a Havana. Nesse momento,

o “[...] ser histórico morre na página impressa e o ser ficcional assume com maior liberdade as suas funções de jacobino, a serviço da Revolução, e encarregado de abolir a escravidão negra no Caribe” (MITIDIERI-PEREIRA, 2006, p.4-5).

É importante esclarecermos aqui que o romance histórico tradicional, realizado por Walter Scott, é diferente do contemporâneo. No romance histórico tradicional, é com a intenção de resgatar o passado que história e ficção convivem, e a presença de personagens históricas tem por objetivo tornar legítimo o mundo ficcional. No romance histórico contemporâneo, há uma subversão dos conceitos que se questionam do passado. Na concepção atual da questão, a literatura tem como função desmistificar a história para descobrir uma versão mais justa dos fatos. Para tanto, é preciso dar voz aos esquecidos, aos excluídos, aos vencidos. Nesse aspecto, a literatura hispano-americana cumpre essa missão. E José Saramago faz o mesmo.

Sabemos que a ficção é um elemento essencial na nossa apreensão da realidade. No entanto, ela descreve somente um fragmento ilusório, que se deixa analisar de perto. Por meio das ações de personagens imaginárias, o romancista tenta preencher os silêncios da história. Para estabelecermos as características que consagram o romance histórico contemporâneo, partiremos do romance histórico tradicional. De acordo com Esteves (1998), há dois princípios básicos, estipulados a partir da ficção de Walter Scott, que fixam o modelo de romance histórico:

- 1 A ação do romance ocorre num passado anterior ao presente do escritor, tendo como pano de fundo um ambiente histórico rigorosamente reconstruído, onde figuras históricas reais ajudam a fixar a época, agindo conforme a mentalidade de seu tempo.
- 2 Sobre esse pano de fundo histórico situa-se a trama fictícia, com personagens e fatos criados pelo autor. Tais fatos e personagens não existiram na realidade, mas poderiam ter existido, já que sua criação deve obedecer à mais estrita regra de verossimilhança (ESTEVES, 1998, p.129).

No romance histórico, a maior preocupação é a síntese entre fantasia e realidade, para dar ao leitor a ilusão de realismo e a oportunidade de escapar de uma realidade que não satisfaz. A lei que rege o romance histórico é a da criação poética. “Dessa forma, todas as crises de identidade sofridas, não apenas pela literatura, mas também pela história, acabam por atingi-lo” (ESTEVES, 1998, p.129). Conforme mudaram as concepções do romance e a sua relação com a realidade, o romance histórico também mudou. A partir do final do século XIX e início do XX, com as vanguardas, a mudança da concepção de romance acabou marcando também o romance histórico.

A auto-referencialidade do romance contemporâneo, ao colocar em cheque a possibilidade de um objeto exterior ao texto, apresenta o autor como um criador de mundos, dentro dos quais ele estabelece as normas que os regem e as relações que existem entre as diversas partes que os compõem (ESTEVES, 1998, p.132).

Quebra-se o pacto realista e o autor contemporâneo não se sente obrigado a copiar o mundo externo, pois ele cria seu próprio mundo sem se sujeitar ao pacto de veracidade do discurso histórico e de verossimilhança do discurso ficcional.

Esteves (1998, p.133-134) enumera algumas características observadas nos romances históricos contemporâneos dos últimos anos e as resume em seis características que diferenciam o novo romance histórico do tradicional, sendo elas: a representação mimética de determinado período histórico; a distorção consciente da história, com omissões, anacronismos e exageros; a ficcionalização de personagens históricas; a presença da metaficção (comentários do narrador sobre o processo de criação); o uso freqüente da intertextualidade e a dialogia, carnavalização e paródia.

Com base nas características que expusemos acima, podemos reiterar a justificativa do uso da terminologia **novo romance histórico** ou **romance histórico contemporâneo** quando nos referimos a José Saramago. Dessa forma, os elementos que o autor português empresta da história

de Portugal para construir sua narrativa estabelecem uma relação espaço-temporal que é necessária para a transgressão que o texto promove, o que nos proporciona uma leitura crítica do passado histórico oficial e, ao mesmo tempo, desafia-nos a refletir sobre o presente diante da releitura do passado.

No caso de Alejo Carpentier, por meio do arranjo textual de discursos variados, que se relacionam a fatos ocorridos em diferentes lugares da América Latina, o autor cubano dialoga com o passado permitindo-nos desautorizar as visões teóricas do início do século XX, ou seja, desacreditar a versão acadêmica em sacralizar os fatos ocorridos na Europa indiferente ao mundo de desespero das colônias, onde quem mandava eram os “Grandes Brancos” e seu sistema escravagista.

## **Conclusão**

Toda a problematização entre História e Ficção, presente no romance contemporâneo, tem por característica ser auto-reflexiva e, ao mesmo tempo, se apropriar de acontecimentos e personagens históricos. Essa problematização primeiro instaura e depois subverte os valores historicamente marcados que questiona, como uma forma de reflexão sobre a releitura da história. Nesse aspecto, o foco de nossa discussão são o **Memorial do Convento** e **O Século das Luzes**.

Em **Memorial do Convento**, a desmistificação do passado de Portugal é produzida por meio de um discurso literário minucioso, sem poupar o leitor de detalhes sórdidos, como os cheiros, as secreções e os parasitas do leito nupcial dos monarcas portugueses. A desarticulação e desautomatização dessa história se faz a partir da desconstrução discursiva que dialoga com essa mesma história que desconstrói. **O Século das Luzes** é a faustosa recriação de um passado e ao mesmo tempo um romance de formação. Nele reúnem-se a natureza e o mito, o passado e o presente num círculo mágico, sendo assim um porta-voz do passado e espelho do futuro.

Considerando que **Memorial do Convento** e **O Século das Luzes** são exemplos dignos de romance histórico contemporâneo, podemos afirmar que em ambos são tecidas reflexões sobre a experiência humana não só do tempo, mas da própria vida, em determinadas circunstâncias.

## **Referências Bibliográficas**

- ALDRIDGE, A. **O. Propósito e perspectivas da literatura comparada**. Tradução de Sonia Torres. In: COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada: Textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 255-259
- CARPENTIER, A. **O Século das Luzes**. Tradução de Sérgio Molina. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ESTEVES, A. R. O novo romance histórico brasileiro. In: ANTUNES, L. Z. (Org.). **Estudos de Literatura e Lingüística**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998. p.125-158.
- HUTCHEON, L. **Poética do Pós-Modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991. (Série Logoteca)
- MITIDIERI-PEREIRA, A. L. Alejo Carpentier n’*O Século das Luzes*: Revolução Francesa no Caribe? In: **Letras de Hoje**. V. 41, 2006. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/ojs/viewarticle.php?id=60>> Acesso em 02/07/2007.
- OLIVEIRA FILHO, O. J. de. Saramago e a ficção latino-americana. **Revista de Letras**. São Paulo, 1990, n. 30. p.141-152.
- SARAMAGO, J. **Memorial do convento**. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.



<sup>1</sup> **Tania Mara Antonietti LOPES, Mestre e doutoranda em Letras.**

UNESP, Campus de Araraquara, Faculdade de Ciências e Letras, Departamento de Literatura.

[tma.lopes@yahoo.com.br](mailto:tma.lopes@yahoo.com.br)